



Dossiê

Heidegger como Educador

Heidegger e os vindouros. Sobre o ensinar e o aprender.

Heidegger and the ones to come. On teaching and learning.

DOI: 10.12957/ek.2025.95300

Irene Borges-Duarte¹

Práxis | Universidade de Évora

iborgesduarte@gmail.com

RESUMO

Para Heidegger o ofício de ensinar só se manifesta, na sua verdade, como o gesto de «ensinar a aprender». Esse gesto, nas Lições de 1928, é o do líder ou guia, que introduz os menos experientes no modo de fazer fenomenológico. No Seminário de 1941/42 e nas Lições de 1951/52, usa o símil do maestro/director (*Leiter*) de uma orquestra – tocando em concerto, como a mais pura forma musical de pensamento – e o do artesão (*Handwerker*), que molda o novo na oficina, forjando a auto-manifestação de cada estudante. Mas como aparece essa manifestação nos textos esotéricos, que, à maneira do Platão não escrito, não foram pensados propriamente para ser tornados públicos, mas guardados na gaveta até que os “poucos e raros” pudessem estar (mais) preparados para acolher o que virá, nos tempos do deus derradeiro? O presente intento aceita, como um desafio, buscar essa abertura aos tempos vindouros, nas páginas sigilosamente guardadas pelo pensador, nos *Cadernos Negros*, em que se configura a sua conversa consigo mesmo.

Palavras-chave

Ensinar. Aprender. Os Vindouros. Esotérico.

ABSTRACT

For Heidegger, the craft of teaching manifests itself, in its truth, only as the gesture of “teaching to learn”. This gesture, in the 1928 Lectures, is that of the leader or guide, who introduces the less experienced to the phenomenological way of doing. In the 1941/42 Seminar and the 1951/52 Lectures, he uses the simile of the conductor (*Leiter*) of an orchestra – playing in concert, as the purest musical form of thought – and that of the craftsman (*Handwerker*), who shapes the new in the workshop, forging the self-manifestation of each student. But how does this manifestation appear in esoteric texts, which, like Plato's unwritten works, were not intended to be made public, but kept in a drawer until the “few and rare” could be (more) prepared to welcome what is to come, in the times of the ultimate god? The present essay accepts, as a challenge, to seek this

¹ Professora emérita na Universidade de Évora. Formou-se nas Universidades de Lisboa (Licenciatura e Mestrado), Complutense de Madrid (PhD, 1994), com períodos regulares pré e pós-doutorais em Freiburg im Breisgau e Mainz. Investigadora do Praxis, coordenou o grupo de Fenomenologia.

opening to the times to come, in the pages secretly kept by the thinker, in the *Black Notebooks*, in which his conversation with himself is configured.

Keywords

Teaching. Learning. The ones to come. Esoteric.

Num trecho da *Anmerkung* VIII, incluída no volume 98 da *Gesamtausgabe* (Heidegger, 2018) que, segundo o editor Trawny, deve proceder de 1950, Heidegger expõe brevemente e sem grandes cuidados estilísticos o que pensa acerca de “Mestres e discípulos” (2018, 252 ss.). O tema, muito mais primorosamente cuidado, será retomado, em sentido próximo, nas Lições de 1951/52, sobre *Que significa pensar?* (Heidegger, 2002), que aqui já se adivinham *in nuce*. Mas a forma como a questão é introduzida no contexto sigiloso dos *Cadernos Negros* parece-me particularmente reveladora. Num caderno anterior, editado por Trawny em GA 97 (Heidegger, 2015), e datado de 1947/48, aparecia uma citação de Leibniz, como epígrafe do texto da *Anmerkung* IV, que se pode considerar ilustrativa do sentido da escrita heideggeriana neste contexto: *Qui me non nisi editis novit, non novit*, “quem me conheça apenas pelas minhas publicações, não me conhece”. Sabemos que a edição dos Cadernos foi por Heidegger interdita até que tivesse sido editada toda a produção da sua vida, inclusive os restantes inéditos, remetidos para a III secção da sua *Gesamtausgabe*, de que fazem parte os *Beiträge* (Heidegger, 1989). Vou partir destes três vectores – a saber: o aprender e o ensinar, o sigilo acerca do mais íntimo pensamento, e o faseamento deliberado da sua publicitação – para defender a ideia de um percurso esotérico do pensador Heidegger², ligado não à vontade de emascarar as suas convicções ou aspirações potencialmente perigosas, nos tempos que lhe foi dado viver³, mas sim à sua concepção do espaço-tempo de jogo do que enunciou como História do Ser. O que recoloca o ponto de partida e a direcção arquitectónica do percurso nas chaves interpretativas oferecidas nos *Beiträge*.

² A primeira versão deste ensaio foi apresentada, em forma de conferência, no 29º Colóquio Heidegger, celebrado sob o título *Heidegger como Educador*, em São Paulo, Novembro de 2024.

³ Poderia aqui estabelecer-se um paralelismo com o “*larvatus prodeo*” de Descartes, nos *Praeambula*. Mas não me parece que seja esse o sentido da alusão heideggeriana. A via esotérica de interpretação do filósofo francês foi defendida por Maxime Leroy, que desenhou o retrato do filósofo conscientemente dissimulado e fingidor, que confessa, nas suas *Cogitationes privatae*, “entrar em cena” cauteloso e com máscara, para ocultar, segundo Leroy, o seu agnosticismo, as suas amizades libertinas, a sua proximidade aos rosacrucianos. Para uma análise mais demorada da questão cartesiana: Borges-Duarte, 2003.

1 POUCOS, RAROS, RESERVADOS

Os *Beiträge* interrogam num trilho, que só começa a ser trilhado pela *transição* para o outro início, em que o pensar ocidental entra agora. Este trilho leva a transição ao aberto da história e fundamenta-o como uma estância, talvez longa, em cujo cumprimento o outro início do pensar permanece sempre só pressentido, embora também já decidido (Heidegger, 1989, p. 4).

Assim começam (§1) os misteriosos *Beiträge*, redigidos, como bem sabemos, entre 1936 e 1938, mas de que só em 1962 se chega a ter uma primeira e escassa notícia, pela referência *indirecta* do jovem Otto Pöggeler (1983), a quem Heidegger encomenda então a difícil tarefa de, sem nada saber do que o pensador almeja, avisar da sua existência, no seu estudo precursor sobre *O caminho do pensar de Martin Heidegger*, e informar do seu conteúdo. Consciente da responsabilidade que sobre ele recai, o jovem investigador faz o que pode, interpretando o sentido da obra como “teológico”. Nos anos que passarão, sem qualquer indicação mais sobre o seu conteúdo, apenas essa vaga ideia ficará. Só em 1989, comemorando o centenário do nascimento do pensador, o coordenador geral da sua Edição Integral, F.-W. von Herrmann, fiel depositário das suas últimas vontades nesse campo editorial, decidirá dar o manuscrito à impressão, por considerar que, apesar de ainda não estar completa a publicação das Lições da IIª secção, pouco falta para que o esteja, e é tempo já de divulgar o texto longamente guardado na gaveta, primeiro, e no arquivo de Marbach, depois. Faseamento respeitado, pois, pelos herdeiros do legado. Mas talvez só agora, na ressaca da publicação dos *Cadernos Negros* e da discussão em torno ao seu conteúdo mais polémico, estejamos em condições de compreender porquê. Começemos com aquelas palavras iniciais.

O questionamento heideggeriano naquela que, no dizer dos seus editores, constitui a sua segunda “obra fundamental” dirige-se ao ser no seu carácter de história, não no sentido processual do suceder-se de sucessos, mas no sentido do acontecer inaugural de momentos veritativos, de acontecimentos, os quais se experimentam como épocas em que a verdade (do ser) se demora, de uma certa maneira, apropriada pelo ser à maneira humana, na sua linguagem e nos seus diversos idiomas (ou modalidades culturais). A apropriação do ser pelo seu aí humano e, reciprocamente, deste aí pelo ser, que assim se expõe, é um mútuo serviço que se prestam um ao outro, no que se manifesta como uma retomada do sentido do *Da-sein*, aí-ser. A autenticidade desta apropriação é o que pode

inaugurar uma nova era: propiciar-se do início de outro mundo, de uma outra estância, na sua ainda insondável possível longevidade.

Nos *Beiträge*, Heidegger sente-se caminhar entre épocas, entre mundos. Aspira ao que chama “livre fuga da verdade do ser” [*freie Fuge der Wahrheit des Seyns*], mas sabe que esse tempo ainda não chegou, que ainda não se deu o *Ereignis*, a apropriação propícia. Isto indica que não está a falar de si mesmo, do seu próprio pensamento, mas de algo que tem carácter ontológico, nem individual nem colectivo, com a radicalidade do universal ou, na linguagem mais tardia dos anos 50, do sagrado. Compreende-se que Pöggeler (1983) tenha dado aos *Beiträge* um sentido “teológico”. Embora o “deus derradeiro”, que dá nome ao capítulo e momento final do caminho feito, não tenha os contornos ônticos do que a tradição ocidental chamou Deus, mas antes uma clara manifestação da relação ou abertura ao ignoto como primordial. A apropriação, de que se está a falar ao longo de toda a obra, dá-se como instituição de uma atmosfera em que se consagra a *união ou junção harmónicas* do estar a ser à maneira humana e não humana. Ora, que esta atmosfera possa surgir da época da representação moderna do mundo não é algo que possa acontecer “para já”. Há que aguardar a sua possibilidade, *preparar* a transição. Como dirá, sibilamente, na Entrevista a *Der Spiegel*: “preparar-se para estar-disposto a manter-se aberto para a chegada ou a falta do deus”, onde “a experiência desta falta” constitui um “libertar-se do homem da queda (*Verfallenheit*) no ente” (HEIDEGGER, 1989a, p.123)⁴. Ora, voltando aos *Beiträge*:

O tempo dos «sistemas» já passou. O tempo da edificação da figura essencial do ente a partir da verdade do ser ainda não chegou. Neste intervalo, a Filosofia, na transição para o outro início, tem que [*muss*] ter conseguido algo essencial: o projecto, i.e., a abertura fundadora do espaço de jogo do tempo da verdade do ser. Como conseguir esta coisa singular? Estamos aqui sem predecessores e sem base de apoio. (Heidegger, 1989, p. 5)

A tarefa é, pois, árdua. Mas *tem que ser!* É imperativo. Mas como? E para quem? A resposta, provisória, mas clara, a estas interrogações vem só um pouco adiante no texto, no final do § 4 e logo no início do § 5:

Nós, os de hoje, temos apenas uma obrigação [*Pflicht*]: a de preparar esses pensadores, pela fundação de uma disponibilidade de longo

⁴ Entrevista de 1966, que, como é bem conhecido, o entrevistado também determinou que só fosse publicada postumamente.

alcance para o digno de ser perguntado. Para os poucos, que de vez em vez voltam a perguntar, i.e., a colocar de novo sob decisão a essência da verdade. Para os raros, que trazem consigo a coragem suprema da solidão, para pensar o Ser na sua nobreza e para falar acerca da sua singularidade. (Heidegger, 1989, p. 11)

E, um pouco mais à frente, explicitando os sentidos ocultos dessa disponibilidade, corajosa e solitária, na preparação da decisão, pergunta-se de que modo o dizer pensante pode conseguir elevar-se *silenciando* – no ser – o ente e, assim, abrir um “entre”, um *Zwischen* (1989, p.13) como *espaço-tempo da simultaneidade do ser e do ente*. Toda esta exposição, situada no Prelúdio da obra, mostra-se num estilo muito nietzscheano, inspirado, e de um entusiasmo que raia o profético. E, no entanto, na imediata sequência, o “salto no entre”, de que é questão em toda esta exposição – e, na verdade, em toda a obra –, é caracterizado como o “brotar do aí-ser” ele mesmo, que se manifesta como uma “tonalidade de fundo do pensar”, a qual tenta descrever triadicamente, à falta de uma palavra única para esta sintonia, como espanto-reserva-temor (1989, p.14). Mas, nesse trio de afectos, “a reserva constitui o meio” (1989, p.15), o tom-base do pensar na transição e preparação do salto. Os poucos e raros – os pensadores que pressentem a necessidade do salto – são os que agem com reserva e dizem, calando. Preparar obriga a um silêncio, que não consente o comum, mas projecta o a-vir: um agir pelo silêncio corajoso, que pensa a história, para desconstruindo-a – remissão a *Zuspiel* (Heidegger, 1989, p.13) – permitir o salto. Toda uma estratégia de ensino!

Na verdade, poucos anos mais tarde, em 1942 (*Anmerkungen* 1), escreverá: “Não é de técnica, nem de política, nem de moral (sistema educativo) que precisamos – como metas e como elementos do aí-ser. Do que precisamos é de mestres (*Lehrer*) que possam ensinar.” (Heidegger, 2015, p. 52).

2 MESTRES E DISCÍPULOS

No seu livro sobre *As Lições dos Mestres*, George Steiner (2004, pp.11-15) recorda que a vocação docente se manifesta de três maneiras principais, embora susceptíveis de diferentes misturas entre si: o professor vampiro, que cria dependência e escraviza; o professor que age pelo exemplo, numa acção silenciosa, que induz imitação; e o professor que aprende com o aluno, ao mesmo tempo que o instrui, num exercício de interacção e troca, como num acto de amor. Steiner dedica-se a comentar vários casos especialmente relevantes, ao longo da história, incluindo aqueles em que o discípulo

mimetiza o mestre, ou em que, traindo a sua confiança, se lhe sobrepõe e antagoniza, mas também aqueles em que o mais jovem dá continuidade ao trabalho do mais velho, mas em liberdade. Recorda o lamento de Nietzsche pela falta de discípulos à altura – o que, sem dúvida, também ecoa no estilo dos *Beiträge*, a que já aludimos. E lembra que Leo Strauss defendeu tenazmente o esoterismo dos clássicos, nomeadamente de Platão, a quem também os filólogos da Escola de Tübingen⁵, pelos anos 80-90 do século passado, dedicaram um estudo sistemático incontornável. O próprio Heidegger declara muitas vezes a sua intenção de seguir o modelo socrático, dialogal e em vivo, sem esquecer o registo platónico desse modelo: “o diálogo em vivo é mais poderoso que tudo o que se escreve, atreito a todo o tipo de mal-entendidos. O que Platão bem sabia, como diz no final do seu *Fedro*” (Heidegger-Blochmann, 1990, p.117)⁶. Mas, ao contrário de Sócrates, o magistério de Platão não tinha lugar em plena ágora, mas recatadamente na Academia, a coberto da raiva dos atenienses, quando incomodados pelo aguilhão do mestre. Só aqueles cujo interesse já foi despertado acedem a esse magistério. Num estudo detalhado deste consciente modelo socrático, por parte de Heidegger, Christophe Perrin interpreta que o pensador trata de “transformar o antigo seminário numa nova ágora” (Perrin, 2013, p. 51). Em sentido inverso, porém, Peter Trawny (2010), explorando a sua própria intimidade com os textos de Heidegger, por ele próprio editados, assinala, de uma forma muito abrangente, o secretismo do pensador, a que dá imagem com a referência ao *Adyton* dos templos gregos. Mas, na verdade, o vínculo sagrado entre os mortais, o imortal e o cósmico, não só necessita ser guardado, mas também transmitido, no tempo justo, a quem seja capaz de o defender. E essa é a função do mestre e a dos seus discípulos, a diversos níveis. Mas em que ambiente? O espaço público da ágora é o da multidão, emotivamente maleável. O do ensino institucionalizado tende a estar marcado pelos hábitos e técnicas pedagógicas, muitas vezes rígidas e monolíticas. Ora, para que o ensino resulte em aprendizagem é necessária a participação de todos em diálogo livre. É fundamental que todos tenham a palavra, como num concerto – como veremos mais adiante – sob a batuta do mestre.

⁵ O estudo de Hans J. Krämer (1929-2015) e Thomas A. Szlezák (1949-2023), com a sua perspectiva inovadora e recolha exaustiva de fontes, foi publicado fora do seu país de origem, e continua um marco fundamental na investigação de Platão.

⁶ Veja-se igualmente a atenção prestada ao caminho socrático na segunda Lição do curso de 1951/52 (Heidegger, 2002, pp. 20-23).

Nos *Cadernos Negros* essa ligação entre o ensinar e o aprender aparece só muito pontualmente meditada, mas com alguma frequência, denotando a sua importância explícita. Na *Anmerkung VIII*, de 1950, que citei de entrada, aparece assim:

Um mestre é grande por ser capaz de ter como descendência mais mestres, e nunca discípulos. Claro que os mestres que vêm depois dele só vêm num tempo muito posterior, para ele insondável; nunca o fazem em vida do mestre. Contemporâneos do mestre só podem sê-lo discípulos. Por intermédio deles, o mestre vem a estar ao seu nível; a nivelção inclui em si uma redução; depressa se chega ao estado normal de os alunos virem, de facto, a saber tudo melhor: nomeadamente, tudo o que anteriormente reduziram e nivelaram, segundo o seu modo de representar. [...] Quem pretenda criar discípulos, quem precise de ser desafiado pela relação professor-aluno e, em qualquer caso, instigado, atesta diretamente que não é um grande, um autêntico mestre, mas apenas um mestre-escola. E um professor de alunos. Ensinar significa, na verdade, deixar aprender; mas deixar aprender a ser mestre. (Heidegger, 2018, p. 252)

É, talvez, esta a mais contundente das referências a este assunto, que li em Heidegger. Ele, que foi decerto *Ein Meister aus Deutschland*, como Safranski (1994) regista no título do seu livro, e que Löwith (1986, p. 42) recorda como *der Zauberer aus Messkirch*. Ele, que, no dizer de Arendt (1969), no texto comemorativo do seu 80º aniversário, era amplamente reconhecido como *der heimische König*, em referência à sua fama e carisma como professor, que levava os estudantes de Filosofia a segui-lo, de universidade em universidade, muito antes ainda da publicação de *Ser e Tempo*. Ele, que teve, portanto, tantos discípulos – seguidores e imitadores, mas também pensadores criativos e manifestamente autónomos –, deixa um claro sinal de aquilo que considera ser a vocação de ensinar: gerar mestres... vindouros. O que não pode dar-se na coetaneidade da prática de um docente, mas como um acontecimento singular, que tem o seu próprio local instantâneo [*Augenblicksstätte*] e autenticidade: um salto de nível, relativamente ao momento da instrução pelo exemplo, do exercício de um modo de fazer exemplar. Pressupõe, pois, uma temporalidade acrónica, compreendida como *Ereignis*: como apropriação e propiciação de um outro ciclo, que teve, porém, na sua origem a palavra do autêntico mestre, capaz de engendrar mestres e não meros discípulos.

Em qualquer caso, esta espécie de heroicidade docente tem de manifestar-se na práxis do ser no mundo: seja na quotidianidade do ser-uns-com-os-outros, nos ambientes culturais fácticos a que cada um – também Heidegger – pertence, seja na reclusão solitária na oficina da escrita de um pensador resolutivo, que ele sempre foi. Cuidar de fazer pela

vida – *Sorge im besorgen* – não é o contrário de zelar e proteger [*schonen, behüten*] o que, segundo aparece em expressões mais tardias (1943; Heidegger, 2013, p. 878), há-de ser mantido a salvo. O exercício da quotidianidade não carece de autenticidade, mesmo que não a mostre. O comportamento reservado, que o pensar na transição requer como meio, é disso indício.

Mas Heidegger não ficou nessa fase. Se, por um lado, se guardou de publicar em tempos sombrios, e mesmo de ensinar, nos anos do pós-guerra, em que lhe foi retirada a *venia docendi*, voltou com força à actividade pública a partir dos anos 50, não só com a publicação dos *Holzwege*, mas também com a volta a um curso universitário, em 1951/1952, a convite de um dos mais activos discípulos – Eugen Fink – e com a aposta em formas de dizer e em auditórios de diferente procedência, fora do âmbito universitário e do seu peculiar estilo académico. No meu entender, para além do inegável carácter circunstancial dos convites, há uma estratégia de acção na sua actividade de pensador, que prepara o advir e procura os vindouros.

Tratarei disso já a seguir, bem como do reflexo dessa lecionação fora de portas no caminho do seu pensar e nas nuances do seu estilo de ensino. Mas, antes, quero ainda apontar, com base numa das Anotações dos Cadernos (a VII, do Outono de 1949), a sua clara consciência de que se aprende com aqueles a quem, aparentemente, se está chamado a ensinar.

O essencial aprendemo-lo – se é que o aprendemos – de aqueles a quem, segundo parece, instruímos [*belehren*]. O que é difícil ao aprender – algo de que só poucos são capazes – é reconhecer que aprendemos. Há muita gente que considera que aprender é humilhante. Mas aprender é bem diferente de tomar ou de enumerar. Aprender é fazer a experiência de algo, que nos ensina e instrui [*lehrt und belehrt*], na sua essência, e ser sensível a isso. Ensinar e aprender não é uma relação de transporte. Só experimentamos aquilo a que nos entregamos no perigo da sua essência – o perigo. (Heidegger, 2018, p. 154)

A anotação é estranha, quer pelo contexto, quer pela sua aparente ruptura com ele. No Outono de 1949, Heidegger está a ultimar o aparecimento dos *Holzwege*, que sairão ainda esse ano, embora já com data do seguinte, como é sabido. Mas também está a preparar o ciclo de conferências que o convidaram a dar em Bremen, em Dezembro: *Einblick in das was ist*. Ambas as circunstâncias estão presentes, contextualmente: a questão explícita da essência da técnica (HEIDEGGER, 2018, p.153) e o sentido dos

Holzwege, de que diz: “considera-se o livro como um volume de ensaios. É que só se veem as árvores uma a uma, sem se tomar o caminho para a floresta” (HEIDEGGER, 2018, p.152). E, então, como uma “fenda de silêncio na parede” [*Riss der Stille in die Wand*], que contrasta com o “ruído radiofônico e filmico” em que a essência da história se afunda em esquecimento (HEIDEGGER, 2018, p.154), surge a breve alusão, que citamos acima, acerca do humilhante que parece ser “aprender”, para tanta gente, por não se saber fazer a experiência do que está a ser, sentindo-o, acolhendo-o no seu ser e não na mera superficialidade de algo transmitido. Ora, essa experiência de aprendizagem é feita com os que vêm instruir-se, com o que são *na sua essência*, com o que dão a ver. E essa aprendizagem é um sentir... do Perigo! É no ser-com que se aprende, mesmo em situação de ensinar. A esse desencobrir-se da essência como Perigo e risco, Heidegger – na sua *entrega como pensador* – responde com o que chamo uma estratégia (de ensino), cuja arquitetura começou a desenhar nos *Beiträge*, e que a concepção tardia da *Gesamtausgabe* acabou de edificar.

3 ESTRATÉGIA ARQUITECTÓNICA

Tenho defendido desde há muito que a concepção heideggeriana da arte é fundamentalmente de natureza arquitectónica. Não lhe interessa toda a arte, não atende a qualquer tipo de obra, mas quase só àquelas obras das artes e das técnicas que, de algum modo, traçam a planta, nem sempre visível, de um espaço-tempo particular, seja edificando o templo, em os deuses fazem a sua chegada e os fiéis buscam amparo; seja atravessando um caminho através dos campos e guardando os seus vestígios, como o calçado do lavrador, na experiência singular do pintor; seja almejando o portal sem retorno, para o pintor e para todos mortais; ou até, simplesmente, no singelo desenho de uma jarra ou de uma taça, para levar à boca o líquido, pelo qual o sedento anseia e que o celebrante consagra. O pôr-se em obra da verdade, de que Heidegger fala, é sempre um fazer sítio, um dar lugar ao aparecer *do vínculo*, a que chamará, com Hölderlin, *Geviert*, dando nome à planta entrecruzada das quatro regiões ontológicas. O que, na arte, é o espaço-tempo do *Er-eignis*, na instantaneidade do seu apresentar-se e encobrir-se, é na palavra poética e na do pensador uma edificação temporal: o abrir-se de uma história no seu início. Um projecto – ou: uma arquitectura do tempo.

A meados dos anos 30, o projecto de Heidegger é o que os *Beiträge* desenham, em seis momentos ou andamentos sinfónicos (ou sin-tónicos), acordes com a História do Ser, a que o pensar (propício) quer co-responder: (1) no pressentimento do perigo indeterminado, que suscita o comportamento reservado, aguardando temeroso – reverente – o a-*vir*, preparando a transição; (2) no co-jogar-se [*Zuspiel*] do antigo e do potencialmente novo, como intersecção do pensar que, oscilando, contrasta o sido e o a-*vir*; (3) na experiência ainda insegura do salto, já em devir pelo pensar da outra margem; e, nesta, (4) o tomar solo, fundando uma caminhada que, no entanto, está destinada a ser andada (5) pelos vindouros, até à chegada, singular e passageira como uma configuração astral, (6) do tal misterioso “derradeiro deus”.

Os seis capítulos ou pontos de fuga, nas designações surpreendentes com que o pensador os nomeia, indicam já que também a linguagem tem que mudar, para poder dizer o que, no discurso tradicional da Filosofia, se perderia, afundando-se nos abismos e sistemas da História da Filosofia ocidental, encerrada em si mesma. Mas, com isso, o dito também perde o seu público de sempre, os que estudam e trabalham na academia, os que esperam ouvir o que lá se diz, na linguagem que lá se usa – única que consideram digna de um filósofo académico. Entre 1936 e 1938, Heidegger está vigiado, com o seu nome em interdito, sujeito a denúncias. Convém-lhe, onticamente, o recato, a reserva. Mas *não* é esse o sentido da *Verhaltenheit*, enquanto diapasão da propícia harmonia. É, antes, a introdução contida, mas tenaz, da outra maneira de ver e de dizer, sublinhando os contrastes – como nas aulas sobre Schelling e o *Tratado da Liberdade Humana* (SS 1936) e sobre Nietzsche (1936/37), e sobre a essência da verdade (1937/38). É, realmente, a *preparação de outra abordagem da história* o que, uma e outra vez, vai sendo feito, estrategicamente.

Os anos da guerra e os imediatamente posteriores são ainda outra transição. Com a universidade fechada, em Friburgo, o ensino de Heidegger reclui-se em círculos quase privados, de alguns poucos alunos, nas terras do Ister. A linguagem poética ajuda à reclusão e a pensar o que deve ser pensado em clave menos académica ainda. No pós-guerra, com a interdição de ensinar, esses círculos derivam para áreas quase totalmente alheias à universidade e à Filosofia. Começa a deriva que chegará a ser a da tarefa do pensar, que está para lá da Filosofia, e enfrenta o pensador à realidade actual do mundo da tecnologia, de que não podemos fugir, mas em que há de poder conseguir-se habitar,

recuperando o modo simples do estar-uns-com-os-outros no encontro da região a que pertencemos e do idioma que falamos. Os poucos e raros de 1936/38 poderiam agora chegar a ser muitos mais: em Bremen, em Darmstadt, em Zurique/Zollikon, na sua Suábia natal, e em França, na Normandia mas também na Provença, longe, pois, da ruralidade dialectal da sua terra-mãe e da sua casa de Zähringen, em Friburgo, onde também reúne, porém, gente de todo o mundo, que o procura e escuta. Nem mesmo os meios de comunicação social, que em tantos momentos deu a entender desprezar, ficam longe do alcance da sua fama e influência. A todos se estende essa estratégia desenhada nos *Beiträge*, de reserva, jogo de espelhos e contrastes, fala vernácula, suficientemente enigmática para despertar o interesse nos ouvintes e suficientemente anti-tradiconalista para incomodar as mentes académicas. E a batalha pela clarificação da sua posição e leitura da História do Ser no ocidente é tenaz e incisiva. *Architectura do tempo. Urbi et orbi.*

O último episódio desta estratégia e do caminho metódico que indica é a configuração da Edição Integral, nas suas quatro secções. O desenho do projecto, com o editor Vittorio Klostermann, é de 1973 e o início das publicações é já em 1975. É bem conhecido o seu desígnio: dar prioridade de publicação às Lições, que constituíram a sua vida académica, a começar com as de 1927, como única versão que ficou para a posteridade da suposta continuação de *Ser e Tempo*. E terminar esta fase de *Zuspiel*, antes de saltar à III Secção, dos inéditos, em que se incluem os *Beiträge*, que deverão permanecer interditos antes de terem tido o seu efeito preparatório as peças de desconstrução contidas nas Lições. Von Herrmann, fiel depositário, tomou alguma liberdade relativamente ao mestre, ao editar a 2ª obra chave em 1989, por considerar que já estava próximo o fim dessa etapa inicial de dar à luz o seu legado. Mas manteve a interdição dos *Cadernos Negros*, que, segundo Trawny, não lhe tinham sido atribuídos como tarefa de edição. Heidegger parece ter deixado essa parte dos seus “caminhos, não obras” para os vindouros, que não o conheceram em vida: aqueles que não foram, na verdade, seus contemporâneos!

O desenho arquitectónico da possível recepção desses seus caminhos e do que neles se fala não pode ser mais claro, quanto a mim. O que guardar na gaveta, ou no Arquivo de Marbach e o que dar a conhecer, no momento oportuno, corresponde a uma arquitectura do tempo preparatório do “outro início”, e a uma encoberta pedagogia na

abordagem do que há-de pensar-se. Nesse tempo longo, a filosofia e a sua forma de agir cede o lugar ao pensar propício [*Ereignis Denken*] e a academia apaga-se no circo global da civilização tecnológica, em cujo seio há que agir, num jogo de serena reserva e oportuna ousadia.

4 CÍRCULOS E CICLOS LECTIVOS

Estivemos a seguir um percurso de mais de 50 anos de vida activa, como docente universitário, primeiro, entre 1919 e 1945, e como filósofo e pensador independente de instituições públicas, desde esse ano até à sua morte em 1976. Se nos trinta últimos anos, é a surpresa do enfoque e a agilidade da linguagem e do estilo na análise temática que é primordial; nos mais de 25 primeiros é a abordagem estrita, tenazmente fenomenológica e ferozmente desconstrutiva que impera. Tácticas diferentes, dentro de uma estratégia geral que só se modula, sem no fundo se modificar, a partir da descoberta da questão chave da *Kehre* e da orientação da Ontologia Fundamental para a História do Ser. Mas os círculos discentes variam. O caminho para chegar até eles tem, pois, de ser feito de maneira diferente.

No seu elogio do Heidegger octogenário, Hannah Arendt menciona, além do seu *pathos* filosófico, que o aparentava a Platão, a excelência do seu magistério, responsável pela sua fama precoce e pela sedução que exercia nos seus alunos. Há muitos testemunhos de outros discípulos de Friburgo e de Marburgo, no mesmo sentido: Otto Bollnow, Walter Bröcker, Hans Jonas, Karl Löwith, H.G Gadamer. Mesmo os mais críticos, desde o princípio, como Günther Anders e o próprio Leo Strauss, reconhecem esse traço distintivo. Essa poderosa atracção, diz Arendt, nascia de uma certa rebeldia, que sentiam ter em comum com ele, ante a tradição das escolas filosóficas, criando rapidamente um laço, que o trabalho sério e estrito rapidamente afiançava. E, no entanto, diz ela:

Era, contudo, completamente diferente de um «círculo» (do tipo do de George, por ex.), que se reunia em torno a um «mestre» e inspirador, um círculo por todos conhecido e, apesar disso, isolado por uma aura de mistério, só revelado aos seus membros. Neste caso, não havia nem mistério nem adeptos. É verdade que os que partilhavam esta companhia se conheciam entre si, porque todos eram estudantes, às vezes até amigos, e rapidamente formaram grupos, por todo o lado. Mas

nunca houve, em sentido estrito, um verdadeiro círculo, nem nada esotérico (Arendt - Heidegger, 1998, p. 180)⁷.

Assim era, segundo parece, a princípio, quando o jovem docente iniciava a sua carreira universitária, entre Friburgo e Marburgo. Mas, mais tarde, quer na etapa final da guerra, quando reuniu um pequeno grupo no castelo de Wildenstein, nas margens do Danúbio; quer, sobretudo, nos anos 60, em França, nos seminários de Le Thor, em casa de René Char, os contornos da companhia eram claramente os de um grupo de jovens iniciados, ávidos de saber, mas também de ouvir o mestre em presença e de segui-lo, na sua senda própria. Dos assistentes ao segundo desses encontros, em 1968, diz Heidegger, com entusiasmo, em carta a Elisabeth Blochmann:

Não posso evitar ter de constatar uma e outra vez: a sua disponibilidade para ouvir e o respeito pelo mundo espiritual, que é tão diferente do que se passa por cá, [...] E, por outro lado, a minha maneira de dar o seminário (como que socrática) resultou inovadora e estimulante [...] talvez possa dar-se aqui forma a algo novo. (Heidegger-Blochmann, 1990, 117).

Entre os estudantes destes seminários de Le Thor, estiveram, entre outros, Giorgio Agamben e Barbara Cassin, que souberam encontrar o seu caminho muito livremente. Mas também estava o grupo ligado a Jean Beaufret, que se pode, sem dificuldades, considerar um círculo fechado. O que, só por si, não bastaria para justificar falar de um percurso esotérico, se não fosse porque a estratégia de ensino heideggeriana almejava algo mais que o efeito imediato da sua docência particular, como penso ter mostrado. Doutro tipo, talvez, mas não menos selecto, eram as audiências de Bremen⁸ ou de Zollikon⁹, que não foram esporádicas, mas continuadas. Em qualquer caso, os diferentes círculos, ao longo de quase 60 anos de vida filosófica, implicam necessariamente, ciclos lectivos diferentes.

Numa publicação anterior (Borges-Duarte, 2014), estudei com detalhe os caminhos metódicos e até as táticas lectivas do ciclo académico. Vou aqui recordá-los,

⁷ O texto “Martin Heidegger ist 80 Jahre alt“, lido por Arendt na homenagem a Heidegger pelo seu 80º aniversário, em 1969, pode ler-se reproduzido pela autora, em carta ao homenageado, pp. 179-192.

⁸ *Die Bremer Freunde*, no dizer de O. Wiegand Petzet (1977).

⁹ O círculo de Medard Boss, basicamente formado pelos seus alunos na Faculdade de Medicina de Zurique, deu origem à formação de diferentes núcleos de prática da Análise existencial psiquiátrica e psicoterapêutica, que se expandiu a outros países, mantendo o seu carácter de sociedade ou associação com claro sentido privado.

brevemente, pois são a marca e a chancela do fazer heideggeriano, enquanto docente universitário de filosofia.

Vários dos seus cursos levam a designação de Introdução (à Filosofia, à Fenomenologia, à Metafísica). Introduzir indica dirigir numa direcção: o que implica um movimento e agir orientados. Nas Lições de 1928/29, que inauguram a volta a Friburgo do sucessor de Husserl, na sua cátedra, essa acção traduz-se como um “pôr em andamento” [*im Gang bringen*] o filosofar (Heidegger, 1996, p.4), que está já como disposição em todo e qualquer ser humano, pelo facto de ser humano: *Menschsein heisst schon philosophieren* (Heidegger, 1996, p.1). Pôr em andamento é despertar para o caminho, fazendo com que o latente chegue a manifestar-se explicitamente. A função do mestre é a de atrair na direcção, que responde ao perguntar inerente a todo o *Dasein*, e guiá-lo para que tire partido dessa sua condição inicial ao pôr-se a caminho. Nesse sentido, o mestre é um caminhante metódico e tenaz, que lidera a acção dos que o acompanham, dando exemplo de um modo de estar e de fazer. A descrição é bastante dinâmica, muito crítica do modo tradicional de conceber o ensino como instrução e informação, ou como uma profissão socialmente valorizada, que tem as suas técnicas e os seus cânones. É uma vocação *práxica* do *Dasein*, em sentido ontológico: *ein in Freiheit ergriffenes Handeln*, “uma acção assumida em liberdade” (Heidegger, 1996, p.5). Impõe o posicionar-se no mundo, com plena autenticidade, mediante o pensar. Nos exercícios lectivos de 1941/42, menciona esta espécie de conversão como uma “mutação na atitude” [*Wandlung der Haltung*] (Heidegger, 2008, p.154), obrigando a mudar a *forma de relação ou vínculo* a tudo aquilo que nos vem ao encontro, sendo uns com os outros no mundo à beira dos entes, entre os quais fazemos pela vida.

Mas é no exercício efectivo do filosofar uns com os outros que se mostra essa mutação na forma de estar. O que acontece, de uma certa maneira, nas aulas e seminários de Heidegger. Sem me estender neste ponto, penso, contudo, interessante notar que a sua modalidade de ensino perdurou nos círculos académicos alemães inicialmente ligados ao seu magistério. Nos acima mencionados exercícios de 1941/42, acima citados, destinados a principiantes, e hoje editados em GA 88 (2008), Heidegger fala da necessidade de “manter em andamento” [*im Gang behalten*] o pensar, mediante um fazer conjunto, como tocando um concerto, de que se vê como maestro [*Leiter*]. A presença pensante dos estudantes é, pois, fundamental neste fazer à maneira da música. O que se aprende co-

pensando não são os conteúdos, mas a forma de trabalhar a que Heidegger chama um “fazer artesanal” [*Handwerk*], que usa instrumentos técnicos, embora evitando o tecnicismo exagerado. Essa didáctica tem três pontos de apoio: a prática do diálogo e intercâmbio de ideias e posições [*Wechselrede*], “para o que é necessário sair de si”; a prática da escrita precisa e elaborada do que o relator reteve do essencial de cada aula, a ser lido no início da seguinte [*Protokoll*]; e a prática da análise textual [*Text*], tendo por base o pensamento de um autor e as questões que levanta (Heidegger, 2008, p.154-155).

O ciclo inicial de docente universitário foi, como bem sabemos, forte, fecundo e bastante aberto. Teve ampla repercussão no mundo académico alemão, de forma directa ou indirecta, por via dos muitos discípulos, ao longo do século passado. Mas esse ciclo terminou no pós-guerra, com a expulsão e posterior reforma de Heidegger. Os círculos de discipulado foram, por isso, surgindo com diferentes características, como creio ter já ilustrado o suficiente. Se, por um lado, foram os discípulos mais próximos quem manteve em andamento o pensar a que o mestre abriu caminho; por outro lado, foi a vez dos aparentemente mais longínquos, procedentes de outras latitudes e idiomas que fizeram chegar esse modo de andar ao Oriente e ao Ocidente deste mundo a caminhar velozmente para a globalização total. Mas o seu magistério e a sua busca do “outro início” a-vir, também assim se estendeu para além das “fronteiras de um povo e nação”, que ele elogiava ao responder às perguntas de *Der Spiegel*. E já não são os seus contemporâneos, que recebem, pensam e transformam os seus ensinamentos...

A polémica acerca dos *Cadernos Negros* deixa-nos, porém, muitas interrogações acerca da eficácia estratégica das suas indicações póstumas e do seu legado. Mas já não é aqui o lugar de pensá-lo. A avaliação dessa polémica, que mantém o autor no centro da atenção cultural, não faz propriamente parte do que me propus desenvolver aqui, embora seja importante registar a sua presença e destacar, sobretudo, que, desse modo, o foco no seu legado permanece, como quer que seja lido.

Terminando, então:

5 ENSINAR A APRENDER

As três imagens do mestre, que encontramos nos textos – a do líder de uma forma de fazer, a do maestro ou director de orquestra e a do artesão na sua oficina (v. Borges-Duarte, 2014) – conjugam-se onticamente na figura histórica do docente Heidegger,

constituindo diferentes facetas da sua imagem pública. Mas a estrutura unitária desses três aspectos – aquilo que ontologicamente as articula – é uma certa forma de entender o *Dasein* à maneira do mestre, de compreender a sua obra como um pôr a descoberto da verdade, por aqueles caminhos metódicos, e de os levar até à possível consecução do seu desígnio.

No curso tardio e extraordinário, sobre *O que significa pensar?*, essa estrutura estruturante aparece com límpida clareza na descrição do que o *Dasein* é – *sempre já uma relação*:

Aprender significa: fazer com que o nosso agir [*Tun und Lassen*] corresponda ao que se nos oferece de essencial. O corresponder e, em consequência, o tipo de aprendizagem depende do tipo disso que é essencial e do âmbito de procedência do que se nos oferece. [...] Ensinar é ainda mais difícil que aprender. É bem sabido, embora raramente se pense nisso. Porquê [...]? Não porque o mestre tenha que possuir uma enorme soma de conhecimentos e tê-los sempre disponíveis. Ensinar é mais difícil que aprender porque ensinar significa deixar aprender [*lernen lassen*] (Heidegger, 2002, p. 17).

O exemplo de Heidegger, que depois transpõe para a esfera do pensar, é neste caso o dum aprendiz de marceneiro. Partindo da relação aprender-ensinar caracteriza a essência do ensino: deixar que e fazer que o aprendiz possa aprender. Despertar, incentivar, dar pé a um responder harmónico do aprendiz, consistente não em adquirir conhecimentos, mas no gostar [*mögen*] de aprender, a capacidade [*Vermögen*] que converte em possibilidade [*Möglichkeit*] a abertura ao novo deste ou daquele tipo (marcenaria, música ou filosofia). Ora, um pouco adiante, afirma:

O autêntico mestre nem sequer deixa aprender outra coisa que...o aprender. [...] O mestre só vai à frente do aprendiz por ter muito mais a aprender que ele – nomeadamente, *deixar aprender*. O mestre deverá ser capaz de poder aprender muito mais que o aprendiz. E está muito menos convencido dos seus assuntos que o aprendiz dos dele. (Heidegger, 2002, p. 17-18)

Ensinar, enquanto tornar possível o aprender, é o que importa ser aprendido pelo próprio ensinante. Este só será um verdadeiro mestre se o aprende, quer dizer: se aprende a dar a possibilidade de aprender. À semelhança de um mestre zen, Heidegger só parece querer ensinar esse nada, que é tudo: propiciar a abertura. É nessa relação mestre-discípulo, que se abre, em cada um, o aí em que o ser acede a mostrar-se. Guimarães Rosa (1994) dizia, nas suas palavras, algo muito próximo: “Mestre não é quem ensina, mas

quem, de repente, aprende”. O trabalho do mestre artesão na sua oficina deve procurar, à margem do conhecimento substantivo dos conteúdos filosóficos das filosofias tradicionais, que o filosofar possa acontecer, que o seu modo de fazer seja propício. Mais ainda: pois o pensar vai mais além do filosofar. E, se ligamos este excerto das Lições de 1951/52 – públicas, na Universidade de Friburgo, graças à mediação de Eugen Fink – com o texto de 1950, por onde, mais acima, começamos a entrar no mais secreto desígnio do pensar heideggeriano, encontramos-nos com que

Ensinar significa, na verdade, deixar aprender; mas *deixar aprender a ser mestre*. [...] Não seria, pois, de ter a intenção de criar alunos, mas de dar testemunho como professor do ser mestre, *discretamente, por um tempo indefinido*. No parentesco com os grandes mestres está a garantia de um ar fresco de aprendizagem genuína, nunca de modo escolar. O que deve ser efetivamente aprendido nunca pode ser ensinado (Heidegger, 2018, p. 253).

O ensino mais autêntico aprende, pois, com os alunos presentes a pressentir o perigo, e deixa que os vindouros possam aprender a aprender e, assim, vir a ser mestres, pelo discreto e sub-reptício parentesco com o mestre, que não quis instruí-los, mas deixou que aprendessem. Por tempo indefinido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARENDT, H. – HEIDEGGER, M. *Briefe 1925-1975*. Frankfurt: Klostermann. 1998.
- BORGES-DUARTE, Irene. Pôr em andamento o filosofar. Heidegger e o método de ensino filosófico. Em: *Studia Heideggeriana*, III/2014, 161-190, 2014.
- BORGES-DUARTE, Irene. O melão, o remoinho e o tempo. Descartes e o sonho de uma noite de outono. Em: *Revista Portuguesa de Filosofia*, 59, 315-337. 2003.
- GUIMARÃES ROSA, João. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994
- HEIDEGGER, Martin. *Beiträge zur Philosophie. Vom Ereignis*. GA 65. Ed. F.-W. von Herrmann. Frankfurt: Klostermann. 1989.
- HEIDEGGER, Martin. "Já só um Deus nos pode ainda salvar". Trad. e anotação de I. Borges-Duarte. *Filosofia (Lisboa)*, III nº 1/2, 109-135. 1989a
- HEIDEGGER, Martin. *Einleitung in die Philosophie (WS 1928/29)*. GA 27. Ed. O. Saame & I. Saame-Speidel. Frankfurt: Klostermann 1996.
- HEIDEGGER, Martin. *Was heisst Denken?* GA 8. Ed. P.-L. Coriando. Frankfurt: Klostermann. 2002.
- HEIDEGGER, Martin. *Einübung in das philosophische Denken (WS 1941/42)*. GA 88. Ed. A. Denker. Frankfurt: Klostermann, 2008.

HEIDEGGER, Martin. *Zum Ereignis-Denken*. GA 73.1 Ed. P. Trawny. Frankfurt: Klostermann 2013.

HEIDEGGER, Martin. *Anmerkungen I-V* (Schwarze Hefte 1942-1948). GA 97. Ed. P. Trawny. Frankfurt: Klostermann. 2015.

HEIDEGGER, Martin. *Anmerkungen VI-IX* (Schwarze Hefte 1948/49-1951). GA 98. Ed. P. Trawny Frankfurt: Klostermann. 2018.

HEIDEGGER, Martin. - BLOCHMANN, Elisabeth. *Briefwechsel 1918-1969*. Marbach am Neckar: Deutsche Schillergesellschaft. 1990.

KRÄMER, Hans J. & SZLEZÁK, Thomas. *Plato and the Foundations of Metaphysics. A Work on the Theory of the Principles and Unwritten Doctrines of Plato with a Collection of the Fundamental Documents*. Albany: State University of New York Press. 1990.

LÖWITH, Karl. *Mein Leben in Deutschland vor und nach 1933*. Stuttgart: Metzler, 2007.

PERRIN, Christophe. „De l’agora au Séminaire. Heidegger et Socrate.“ In: Perrin, C. (Ed.), *Qu’appelle-t-on un Séminaire? La pédagogie heideggérienne*. Bucarest: Zeta Books, 15-52. 1986.

PETZET, Heinrich Wiegand. Die Bremer Freunde. In: Neske, G. (Ed.) *Erinnerung an Martin Heidegger*. Pfullingen: Neske, 179-190. 1977.

PÖGGELER, Otto. *Der Denkweg Martin Heideggers*. 2ª ed. Pfullingen: Neske. 1983.

SAFRANSKI, Rüdiger. *Ein Meister aus Deutschland. Heidegger und seine Zeit*. München: Hanser. 1994.

STEINER, George. *Lições dos Mestres*. Lisboa: Gradiva. 2004

STRAUSS, Leo. An Introduction to Heidegger’s Existentialism. In: *The rebirth of classical political rationalism*. Chicago: Chicago University Press, 27-46. 1989.

TRAWNY, Peter. *Adyton. Heideggers Esoterische Philosophie*. Berlin: Matthes und Seitz. 2010

Recebido em: 20/11/2025 | Aprovado em: 20/11/2025